

Preces espíritas com linguagem facilitada: uma análise a partir dos postulados bakhtinianos

Spiritist prayers with facilitated language: an analysis based on bakhtinian postulates

Tamiris Machado Gonçalves¹

Graziella Steigleder Gomes²

RESUMO

No presente artigo, são analisadas preces encontradas no último capítulo da obra *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, de autoria de Allan Kardec, publicado pela primeira vez em 1864, na França. Suas traduções mais conservadoras para a língua portuguesa com frequência tendem ao erudito, o que muitas vezes se torna um empecilho para a apropriação de seu conteúdo. Diante dessa dificuldade em potencial, surgiu uma versão “moderna e de fácil leitura”, publicada pela Editora Besouro Box, cuja primeira edição se deu em 2012. Essa nova versão, com linguagem facilitada, dirige-se a um público leitor mais abrangente e diversificado. Nesse sentido, 3 dentre as 84 preces que compõem a coletânea encontrada no Capítulo 28 d’O *Evangelho Segundo o Espiritismo* foram randomicamente escolhidas como objeto de análise deste estudo. As regularidades encontradas nessa amostra relativamente a estilo, conteúdo temático e construção composicional, conforme postuladas por Bakhtin ([1952-53] 2016b), permitem, sob a perspectiva da teoria dialógica do discurso, identificá-las, se cotejadas com suas contrapartes assim como encontradas nas versões mais tradicionais da obra, enquanto uma atualização do gênero preces. Isso porque elas apresentam alterações no que tange especialmente ao estilo, que é reorganizado a fim de conferir maior proximidade a seus interlocutores via usos de linguagem que contemplam um novo auditório, com necessidades linguísticas renovadas.

Palavras-chave: Gêneros do discurso. Espiritismo. Preces.

ABSTRACT

In this article, we aim to analyze prayers found in the last chapter of *The Gospel According to Spiritism*, by Allan Kardec, first published in 1864, in France. Its more conservative translations into Portuguese often tend to be erudite, which at times becomes an obstacle for readers to fully understand it. Faced with this potential difficulty, a “modern and easy-to-read” version was launched, published by Besouro Box. Its first edition took place in 2012. This new version, with facilitated language, is addressed to a wider and more diverse readership. In this regard, 3 of the 84 prayers that make up the collection in Chapter 28 of *The Gospel According to Spiritism* were randomly chosen as our object of analysis. Based on the perspective of the dialogic theory of discourse, we have detected regularities in that sample regarding style, thematic content and compositional construction. Such features allow us to identify those prayers as an update of the prayer genre, if compared to their counterparts as they appear in more traditional versions. The modifications, especially regarding style – which is reorganized in order to grant greater proximity between text and reader – is then conveyed by language usages that contemplate a new audience, with renewed linguistic needs.

Keywords: Speech genres. Spiritism. Prayers.

¹ Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Bolsista PNPd/CAPES. Florianópolis/SC. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2551-0309>. E-mail: tamiris.goncalves@uffs.edu.br.

² Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Foi bolsista CAPES/PROEX. Porto Alegre/RS. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3043-6385>. E-mail: graziella.gomes@edu.pucrs.br.



1 INTRODUÇÃO

O Espiritismo é uma doutrina religiosa que busca restaurar, a partir das lições morais contidas no Evangelho, os princípios propalados por Jesus, sendo, portanto, de base cristã. Uma das obras basilares dessa doutrina intitula-se *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, na qual o iniciador do movimento, Allan Kardec (França, 1804-1869), comenta, à luz das comunicações advindas dos espíritos, trechos selecionados desta parte das Escrituras Sagradas. Por sua relevância dentro da esfera discursiva espírita, toma-se como objeto de estudo preces, conforme elencadas no Cap. 28 d’*O Evangelho*, em duas versões edificadas com propósitos comunicacionais distintos, que visam a contemplar auditórios igualmente distintos³. Como base para o gesto de análise, apoiamo-nos nos postulados da teoria dialógica do discurso⁴, igualmente referenciada enquanto teoria bakhtiniana, que se erige sob uma perspectiva baseada nos ensinamentos do chamado Círculo de Bakhtin, grupo formado por pensadores com diferentes *backgrounds*, que mantiveram reuniões regulares entre 1919 e 1929, na Rússia. Evocamos aqui o aporte intelectual de Bakhtin, o próprio, especialmente no que tange seu ensaio *Os Gêneros do Discurso* ([1952-53] 2016b).

A teoria baseada no dialogismo bakhtiniano dá visibilidade aos chamados gêneros do discurso, que podem ser vistos como modos sociais do dizer. A partir da noção de gêneros, buscaremos compreender, sob essa perspectiva, o fenômeno relativo a preces em sua versão “moderna e de fácil leitura”, conforme encontradas na obra de cunho espírita supracitada, na proposta da Editora Besouro Box⁵, que tem por intuito oferecer a um público mais abrangente e diversificado uma versão de caráter facilitado; tendo sua primeira edição datada de 2012. No capítulo 28 dessa obra, intitulada *Coletânea de preces espíritas*, as preces se encontram organizadas em eixos temáticos, como os que seguem: “para pedir um conselho”, “pelas almas sofredoras”, “na previsão da morte próxima”, entre outros. Nossa amostra é constituída por 3 das 84 preces, elencadas na obra em pauta.

Entre os adeptos do Espiritismo, é visto que a prece é um meio do qual os humanos fazem uso para entrar em contato com entidades que, para eles, são tidas como espiritualmente superiores. Essa prática de linguagem apresenta certa composição, uma maneira de se organizar para a expressão de

³ Cabe ressaltar que o propósito do presente artigo é compreender como as preces espíritas em leitura facilitada se constituem enquanto gênero discursivo. Dessa maneira, não são feitas valorações a respeito da doutrina ou das preces em si. Assim, não colocamos em pauta as práticas do movimento espírita como doutrina; o foco é entender como se configura enquanto gênero o material selecionado para análise.

⁴ Conforme nomenclatura proposta por Brait (2014b).

⁵ Doravante, BB.





determinados conteúdos, constituindo-se como um gênero do discurso, quando olhada a partir dos pressupostos teóricos do referencial que sustenta este artigo.

A prece, no âmbito da doutrina em pauta, apresenta-se com uma extensão relativamente curta, em forma de um texto narrativo, em primeira pessoa. É um discurso pré-definido, que possui, portanto, um conteúdo temático também pré-estabelecido, já que se presta a veicular pedidos, agradecimentos, louvores; e mantém uma progressão textual estável com um direcionamento, isto é, com a apresentação de um destinatário, como um momento para exprimir sentimentos das mais variadas sortes. Uma vez que cada religião pode ter suas apresentações específicas de preces, compreendemos que essas se referem a práticas languageiras socialmente talhadas, a partir de variadas modalidades de devoção.

Especificamente sobre a prática discursiva da prece desde uma perspectiva mais geral, não necessariamente exclusiva à esfera espírita, Bodner (2007) explica que “[...] a prece na Bíblia hebraica é um empreendimento dialógico: uma palavra que pressupõe outra palavra, ou uma audiência, ou uma resposta”, o que pode ser compreendido como uma prática que visa ao diálogo, já que “[...] se baseia em um *outro* a quem se está dialogicamente conectado” (BODNER, 2007, p. 182, ênfase do autor)⁶. Também discorrendo sobre preces, Buss (2007) argumenta que elas “[...] representam um tipo de atividade humana, especificamente, os esforços para obter o bem-estar e apreender o sentido da vida, mesmo que tal ocorra na ausência de uma ampla revelação divina” (BUSS, 2007, p. 15)⁷. Essas considerações dizem sobre os modos de funcionamento de gêneros que se edificam com o propósito de conexão com uma instância espiritual superior. Assim, essa prática também se estende à prece, devido a seu uso apresentar caráter dialógico bem marcado.

Nesses termos, quando uma necessidade *x* se apresenta, podemos encontrar em livros como o que aqui submetemos à análise fórmulas desenhadas para a situação *x*, de modo a que haja um guia para ser repetido – por exemplo, se a demanda é por alívio de um sofrimento, há preces de consolo; se o desejo é pedir perdão, há preces de orientação sobre isso; se há situações difíceis, há preces para pedir proteção, para suplicar ajuda; se o contexto é de gratidão, há preces de adoração e assim por diante. As preces analisadas são um guia, um texto a ser recitado, sem espaço para particularizações.

Kardec argumenta ser a prece uma forma fixa para “[...] um ato de adoração. Fazer preces a Deus é pensar Nele; é aproximar-se Dele; é colocar-se em comunicação com Ele. Pela prece, podemos fazer três coisas: louvar, pedir e agradecer” (KARDEC, [1857] 2017, p. 312). Por outro lado, em relação ao ato

⁶ Do original: “[...] prayer in the Hebrew Bible is a dialogic enterprise: a word that presupposes another word, or an audience, or a response [...] [which] is predicated on an *other* who is dialogically connected”.

⁷ Do original: “Prayers [...] represent a kind of human activity, specifically, efforts to obtain welfare and to grasp the meaning of life even without extensive divine revelation”.





de orar, afirma: “Cada um deve orar segundo as suas convicções e da maneira que mais lhe agradar, pois mais vale um bom pensamento, do que muitas palavras que não dizem nada ao coração” (KARDEC, [1864] 2019, p. 284). Desse modo, como no livro em questão as preces constituem-se modelos pré-estabelecidos para conectar-se com instâncias superiores, entendemos que essas construções discursivas na obra espírita figuram como modelos prescritivos de como se pode fazer um movimento de aproximação junto à espiritualidade maior.

2 GÊNEROS SOB A PERSPECTIVA BAKHTINIANA

Tendo em vista as considerações iniciais feitas na introdução, passemos a refletir sobre o conceito de gêneros, dando ênfase ao ensaio *Os Gêneros do Discurso* (BAKHTIN, 2016b). De acordo com Bakhtin (2016b, p. 42), “Os gêneros do discurso [são] formas relativamente estáveis e normativas de enunciado”, sendo sócio-historicamente determinados a partir dos usos edificados em diferentes práticas discursivas. Tais práticas se dão em todos campos de atuação humana, sendo, portanto, muitas as formas de gêneros do discurso. Isso porque variadas são as possibilidades de interação discursiva na sociedade.

Para Faraco (2009) e Fiorin (2016), no que concerne à definição do filósofo russo, deve-se dar relevo à palavra “relativamente”, que implica que os gêneros possuem características fronteiriças que se modificam constantemente, em uma tensa relação. Nesse sentido, afirma Fiorin (2016, p. 76) que “O gênero une estabilidade e instabilidade, permanência e mudança. [...] A reiteração possibilita-nos entender as ações e, por conseguinte, agir; a instabilidade permite adaptar suas formas a novas circunstâncias.”

Em relação ao aspecto normativo, Bakhtin (2016b) argumenta que os gêneros têm significado normativo porque não são criados pelos indivíduos de modo particular, mas são dados a eles, já que, conforme vamos aprendendo nossa língua mãe, também vamos aprendendo os modos de organização do discurso a serem usados em determinadas ocasiões sociais, isto é, também vamos “recebendo” da sociedade os gêneros do discurso. A isso se some o fato de o caráter criativo do indivíduo não ser totalmente livre, em razão de que sempre estará atrelado à construção composicional do gênero e ao seu estilo de acabamento que lhe dão reconhecimento social justamente como gênero de discurso, com contornos e projetos enunciativos relativamente estáveis.

Gêneros do discurso são, portanto, formas discursivas que apresentam, em diferentes ocorrências e diante de dado grupo social, determinadas semelhanças, o que permite que informações e conhecimentos sejam coletivizados. Trata-se, dessa maneira, de um reconhecimento de padrões nos quais



se podem agrupar formas discursivas a partir de determinadas similitudes, que são reconhecíveis no processo de interação verbal.

Para a teoria dialógica do discurso, a noção de gênero está calcada no entendimento de produção discursiva viva, porque é oriunda de uma sociedade dinâmica. Assim, os gêneros do discurso comportam plasticidade e fluidez, o que permite que seja sua tipificação menos relevante do que sua produção. Sua compreensão, portanto, deve levar em conta sua função, dado que um mesmo excerto discursivo (independentemente de sua extensão) pode conter traços híbridos, acumulando mais de um critério de definição. Ao Círculo interessa menos a categorização em diferentes espécies de textos que o dialogismo inerente ao processo de comunicação social.

Nesses termos, gênero discursivo corresponde a uma expressão discursiva, que depende da situação de interação, circunscrita social, cultural e historicamente. Desse modo, há o entendimento que é mais relevante sua função do que sua forma linguística.

Os elementos constituintes do gênero são estilo, conteúdo temático e construção composicional. O primeiro refere-se à "[...] seleção de recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua" (BAKHTIN 2016b, p. 11-12). É via estilo que se pode perceber a presença do sujeito do discurso, sua individualidade e visão de mundo, pois há no estilo uma parte que é do gênero em si e outra que deixa ver traços do sujeito. Bakhtin (2016b) argumenta que o estilo está indissolivelmente ligado às formas típicas do gênero do discurso ao mesmo tempo que é atravessado pela individualidade do falante – ainda que nem todos os gêneros do discurso sejam propícios à manifestação de individualidade, tal como ocorre em gêneros de estrutura mais fechada como o são formas padronizadas requeridas em documentos oficiais, por exemplo.

O conteúdo temático refere-se ao "[...] domínio de sentido de que se ocupa o gênero" (FIORIN, 2016, p. 69), não podendo ser confundido com o tópico específico do qual o texto se ocupa; é um recorte semântico-objetual do mundo porque constrói um sentido a partir dos traços de acabamento que ganha nos limites de determinado gênero do discurso, edificado nas circunstâncias concretas de determinada prática discursiva. O conteúdo temático é uma perspectiva, porque edifica-se sob a valoração de quem sobre ele discorre, no deslizar de determinado estilo e no moldar relativamente flexível da construção composicional que o abarca.

Por último, temos a construção composicional, que se refere à “[...] estrutura da obra, compreendida teleologicamente como realizando um objeto estético” (BAKHTIN, 2014, p. 22). Trata-se da forma de acabamento que determinado discurso toma, que foi ao longo do tempo tomando molde nas práticas sociais, demarcando certos tipos de comunicar determinados conteúdos temáticos erigidos à



sombra de certos estilos de organização do discurso. Assim, tal forma de acabamento é reconhecida porque foi partilhada socialmente, estando à mercê dos usos e submetida a eles. Bakhtin (2016b) explica que gêneros do discurso não são formas da língua, mas formas típicas de enunciados, com certa expressão típica (estilo) e com certa apresentação estrutural (construção composicional) típica, que lhes são inerentes, e viabilizam que algo seja dito (conteúdo temático).

A fim de entender o funcionamento das preces espíritas em linguagem facilitada enquanto um gênero discursivo, levaremos em consideração esses três elementos, “[...] que estão indissolavelmente ligados *no conjunto* do enunciado, e são igualmente determinados pela especificidade de um campo da comunicação” (BAKHTIN 2016b, p. 12, ênfases do autor). Assim, esses três elementos integram organicamente o gênero e requerem que os relacionemos a suas condições de produção, uma vez que:

As mudanças históricas dos estilos de linguagem estão indissolavelmente ligadas à mudança dos gêneros do discurso [...], [os quais] refletem de modo mais imediato, preciso e flexível todas as mudanças que transcorrem na vida real. [...] Os gêneros discursivos são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem (BAKHTIN, 2016b, p. 20).

Tomando isso em conta, vemos que a versão da BB segue o movimento dinâmico de mudança ao qual todas as línguas são submetidas, à medida que o seio social em que se circunscrevem igualmente passa por alterações. Essa versão, portanto, apresenta uma variante de acordo com a língua em uso, de modo a contemplar o leitor contemporâneo com um texto voltado para suas necessidades comunicativas no momento sincrônico atual do português brasileiro.

3 A SELEÇÃO DO MATERIAL DE ANÁLISE

Neste ponto, é relevante explicitar o caminho percorrido no que se refere à seleção do material escolhido para a análise. Com a crescente popularização da doutrina espírita, e diante do anseio de adeptos que encontravam dificuldades em interagir com o texto d’O *Evangelho* nas traduções tradicionais, foi proposta uma leitura “[...] mais fluente e agradável” (JÚNIOR, 2019, s/p.), com objetivo de “[...] facilitar o entendimento de quem, mesmo não familiarizado com o ato de ler, possa compreender e aprender todos ensinamentos contidos n’O *Evangelho*, tornando, assim, o aprendizado mais eficaz” (JÚNIOR, 2019, s/p.), conforme explica o coordenador da tradução da nova versão (BB), Cláudio Damasceno Ferreira Junior na aba esquerda da edição de 2019. O êxito dessa empreitada pode ser



atestado pelo número de edições até o momento publicadas (9). Além disso, pelo número aproximado de exemplares comercializados (75 mil)⁸.

Nosso *corpus*, como afirmado, é composto por 3 preces, escolhidas de forma aleatória, buscando selecionar preces com conteúdo temático diferente, uma vez que, como teremos a chance de ver, a construção composicional nessas é relativamente regular. É possível argumentar que, dentre as 84, a escolha de apenas 3 como objeto de estudo não se configura enquanto uma amostra representativa, porém recorremos a Maingueneau (2015, p. 78), que afirma que, ao selecionar determinado texto, o analista o tem enquanto representativo de uma série, desde que esse possa, “[...] em sua irreduzível singularidade [...] resultar de um questionamento relacionado a uma problemática; [...] [dando] acesso a uma rede diversificada de fenômenos julgados pertinentes para compreender uma configuração mais vasta”.

Acreditamos que, dessa maneira, nossa amostra tenha a potencialidade de ser suficientemente ilustrativa, para conseguirmos pensar acerca de como esse gênero discursivo se constitui e sobre que contornos assume, especialmente no que tange ao estilo, em sua mais recente formatação. Para atingirmos nosso propósito, faz-se necessário voltar no tempo e proceder uma breve análise das condições de produção que envolveram a escrita e primeira publicação da obra em pauta.

Na folha de rosto da edição do Instituto de Difusão Espírita⁹ (2006), lemos que *O Evangelho Segundo o Espiritismo* contém “[...] a explicação das máximas morais do Cristo, sua concordância com o Espiritismo e suas aplicações às diversas posições da vida”, sendo uma das cinco obras que compõem a chamada codificação espírita. Foi publicado primeiramente em 1864, na França. Seu público leitor já havia sido apresentado ao primeiro dos textos que integram o pentateuco espírita, *O Livro dos Espíritos*, o qual rapidamente atingiu o *status* de *bestseller* (*status* do qual ainda hoje desfruta).

O Espiritismo, à época em que foi codificado, atraiu uma massa de seguidores ávidos por uma doutrina “[...] racional, consoladora e reconfortantemente familiar” (MONROE, 2008, p. 97)¹⁰. Fundado sob o tríplice aspecto, qual seja: religioso, científico e filosófico, atendeu a demanda de um público que vivia uma época marcada pelo Positivismo de Auguste Comte (1798-1857)¹¹.

⁸ Conforme dados de 2021.

⁹ Doravante, IDE.

¹⁰ Do original: “[...] rational, consoling and reassuringly familiar”.

¹¹ Comte acreditava que “[...] para ajudar a criar uma nova ordem social - reparando o caos gerado pela Revolução Francesa - era necessária uma atitude genuinamente científica, baseada em regularidades observáveis” (Livro da Filosofia, 2011, p. 335/336).





Ainda segundo Monroe (2008), até o momento em que as publicações de Kardec começaram a circular nos textos que tratavam do fenômeno espiritual, os comunicantes se manifestavam em um estilo rebuscado e excessivamente enigmático. Ao contrário dessa tendência, nos livros assinados por Kardec, a escrita tinha uma linguagem simples e acessível – justamente quando comparada às produções da época –, mesmo para leitores menos proficientes.

De toda forma, essa obra é marcada por construções típicas da escrita da época em que foi edificada (1864), próprias daquele tempo e da língua em que foi proposta, o francês. Quando pensamos em sua recepção em nossos dias, quando a recebemos vertida para o português, há a dificuldade, então, da edificação própria daquele formato de narrativa, que culmina em certa dificuldade de leitura e compreensão quando percebida a partir dos padrões culturais, sociais, linguísticos e estilísticos atuais. Esse pode ser um dos motivos da existência de versões com linguagem facilitada, concebidas em linguagem moderna, como a que está em análise neste texto. Com o objetivo de compreender o estilo das preces encontradas na edição “moderna e de fácil leitura” (conforme consta na capa da edição BB), figura importante cotejá-las com suas contrapartes em versões tidas como convencionais, tradicionais, ou mesmo eruditas, de modo que seja possível ver quais diferenças existem nessas propostas e que sentidos podem estar envolvidos nessa percepção de leitura facilitada.

No Brasil, uma das traduções mais populares d'*O Evangelho Segundo o Espiritismo* é a do IDE, cuja primeira publicação se deu em 1978. Encontra-se, atualmente, em sua 349ª edição – 84ª reimpressão, com um total de 7.860.000 exemplares comercializados – sendo que muitos desses destinaram-se à doação. Na contracapa da 332ª edição (novembro de 2006), lemos que “[...] reverenciando a natureza sagrada do livro, o tradutor respeitou o texto evangélico original adotado pelo autor [...] e não alterou a obra original com notas de rodapé que não constavam nela, mantendo, assim, a sua integridade” (IDE, 2006, s.p).

Nesses termos, elegemos a edição do IDE para fins de cotejamento com a edição de leitura facilitada, por ela se autointitular “[...] uma tradução literal, [na qual] a linguagem simples original ficou preservada.”. Nesse sentido, buscamos compreender as relações de sentido via dialogismo, que se dão especialmente no que tange à noção de conteúdo temático, por ambas compartilhado.

Em todo caso, é importante destacar que temos o entendimento de que toda tradução é, em si, um ato valorativo, e que, portanto, nunca pode ser compreendida como plenamente “neutra”, como totalmente fiel ao discurso original porque transpor sentidos é uma tarefa complexa desde o ponto de vista das diferenças entre as línguas, em razão dos usos e das próprias percepções de mundo que cada língua constrói.



Como objetivamos analisar as preces na edição moderna e de fácil leitura, torna-se necessário partir de algum parâmetro de comparação para compreender por que há uma versão intitulada *moderna e facilitada*; facilitada em relação a quê? Esse é o questionamento que conduz as análises que aparecem na seção a seguir.

3.1 As preces selecionadas

A seguir, apresentamos uma tabela na qual se podem visualizar as preces 13, 17 e 27, nas duas versões supracitadas – Instituto de Difusão Espírita (IDE) e Besouro Box (BB). Lado a lado, nas versões foram negritadas algumas das diferenças para serem analisadas à luz da teoria dialógica do discurso, tendo por base, sobretudo, o conceito de *gêneros do discurso*, sublinhando aspectos quanto ao estilo e à construção composicional.

Quadro 1: As preces selecionadas

Prece 13 - Aos anjos guardiães e aos espíritos protetores ¹²	
Edição IDE (p. 330)	Edição BB (p. 424)
Meu Deus, permiti aos bons Espíritos que me cercam, virem em minha ajuda quando estiver em dificuldade, e me sustentar se vacilo. Fazei , Senhor, que eles me inspirem a fé, a esperança e a caridade; que sejam para mim um apoio, uma esperança e uma prova da vossa misericórdia; fazei, enfim, que eu encontre junto deles a força que me falta nas provas da vida, e, para resistir às sugestões do mal, a fé que salva e o amor que consola.	Meu Deus, permite que os bons Espíritos que me acompanham venham em meu auxílio quando estiver em sofrimento e me amparem se eu vacilar. Faça , Senhor, com que eles me inspirem a fé, a esperança e a caridade. Que sejam, para mim, um apoio, uma esperança e uma prova de Sua misericórdia. Faça, enfim, com que eu encontre, nos bons Espíritos, a força que me falta para enfrentar as provas da vida, para resistir às sugestões que o mal oferece, a fé que salva e o amor que consola.

Prece 17 - Para afastar os maus espíritos ¹³	
Edição IDE (p. 331-332)	Edição BB (p. 426)
Em nome de Deus Todo-Poderoso, que os maus Espíritos se afastem de mim, e que os bons me sirvam de proteção contra eles!	Em nome de Deus Todo-Poderoso, que os maus espíritos se afastem de mim e que os bons me sirvam de proteção contra eles!

¹² Segundo a doutrina espírita, todos somos, desde o nascimento, acompanhados e protegidos por um Espírito de ordem superior que a nós é afeito, e que tem como missão nos conduzir no caminho do bem, nos dando auxílio em momentos difíceis e nos guiando em direção ao progresso moral e intelectual. Alguns os chamam de anjos guardiães. A prece aos anjos da guarda tem por finalidade solicitar sua intervenção junto a Deus.

¹³ Para o Espiritismo, tanto os Espíritos encarnados quanto desencarnados se atraem pelo tipo de energia que emitem. Nessa perspectiva, se nosso padrão vibratório é baixo, traremos para junto de nós Espíritos menos evoluídos, que podem, intencionalmente ou não, prejudicar-nos. Essa prece tem por objetivo afastá-los.



<p>Espíritos malfezjos, que inspirais aos homens maus pensamentos; Espíritos trapaceiros e mentirosos que os enganais; Espíritos zombeteiros, que vos divertis com sua credulidade, eu vos repilo com todas as forças de minha alma e fecho o ouvido às vossas sugestões; mas peço para vós a misericórdia de Deus.</p>	<p>Espíritos nocivos, que inspiram aos homens maus pensamentos, Espíritos trapaceiros e mentirosos, que os enganam, Espíritos zombeteiros, que brincam com a credulidade deles, eu os afasto com todas as forças de minha alma e fecho os ouvidos às sugestões que trazem, mas peço para vocês a misericórdia de Deus.</p>
<p>Bons Espíritos que vos dignais de me assistir, dai-me a força de resistir à influência dos maus Espíritos e as luzes necessárias para não ser vítima de seus embustes. Preservai-me do orgulho e da presunção; afastai do meu coração o ciúme, o ódio, a malevolência de todo sentimento contrário à caridade, que são tantas outras portas abertas ao Espírito do mal.</p>	<p>Bons Espíritos que generosamente me assistem, deem-me a força para resistir à influência dos maus Espíritos e os esclarecimentos necessários para que eu não seja enganado por suas artimanhas. Preservem-me do orgulho e da vaidade, afastem do meu coração o ciúme, o ódio, a maldade e todo o sentimento contrário à caridade, pois eles são sempre portas abertas aos maus Espíritos.</p>

Prece 27 – Nas aflições da vida	
Edição IDE (p. 335)	Edição BB (p. 430-431)
<p>Deus Todo-Poderoso, que vedes as nossas misérias, dignai-vos escutar favoravelmente os votos que vos dirijo neste momento. Se o meu pedido for inconveniente, perdoia-mo; se for justo e útil a vossos olhos, que os bons Espíritos, que executam vossas vontades, venham em minha ajuda para o seu cumprimento.</p>	<p>Deus Todo-Poderoso, que conhece minhas fraquezas, escuta favoravelmente o pedido que faço nesse momento. Perdoa-me se ele for inconveniente, mas se for justo e útil aos Seus olhos, permite que os bons Espíritos que executam a Sua vontade venham me ajudar para que ele seja realizado.</p>
<p>O que quer que me advenha, meu Deus, que a vossa vontade seja feita. Se meus desejos não são atendidos, é porque entra nos vossos desígnios experimentar-me, e eu me submeto sem murmurar. Fazei com que eu não conceba nisso nenhum desencorajamento, e que nem minha fé, nem minha resignação, sejam abaladas.</p>	<p>Independente do que venha a me acontecer, que prevaleça sempre a Sua vontade. Se meus pedidos não forem atendidos, é porque preciso ser experimentado e eu me submeto sem queixas. Faça com que eu não desanime; que nem minha fé nem minha resignação sejam abaladas.</p>

Fonte: Edições Instituto de Difusão Espírita e Besouro Box

4 SOBRE ESTILO, CONSTRUÇÃO COMPOSICIONAL E CONTEÚDO TEMÁTICO NA AMOSTRA

Afirma Bakhtin que "Quanto mais convencional e tradicional o estilo, menos ele considera o ouvinte vivo, concreto e atual, e mais monológico ele é" (2016a, p. 130). Vemos, na contramão de uma versão monologizante, o esforço e intuito, por parte do tradutor da nova versão, de "[...] contribuir para que mais pessoas encontrem nela [a edição “moderna e de fácil leitura”] um instrumento para sua reforma íntima” (contracapa d’O *Evangelho Segundo o Espiritismo*, edição BB, 2019) a partir da edificação de um texto cujo estilo concorda com o português dos dias de hoje.





Observando o estilo, temos reformulação de estruturas, substituição de palavras e construções. Relativamente ao vocabulário, encontramos a substituição de palavras tidas como de difícil compreensão por formas lexicais mais cotidianas. Alguns exemplos desse proceder podem ser vislumbrados na prece 17 (conforme ênfase acrescida nas transcrições): *malfaizejo* por *nocivo*, *repelir* por *afastar*, *embustes* por *artimanhas*, *malevolência* por *maldade*.

A substituição ocorre estruturalmente com o uso dos pronomes de segunda pessoa do plural e verbos conjugados nessa pessoa, que foram substituídos por uso, ora de segunda pessoa do singular, ora por terceira pessoa do singular, em razão do seu endereçamento a um público que possivelmente encontraria empecilhos para interagir com esse texto, por possuir menos desenvoltura em norma culta, ou em práticas circunscritas à esfera espírita. O direcionamento às instâncias espiritualmente superiores – principalmente a Deus – via segunda pessoa do plural é totalmente solapado na tradução da BB; essa supressão (do pronome *vós*) reflete seu uso social no português brasileiro contemporâneo, no qual está praticamente extinto.

Assim, *Bons Espíritos que vos dignais de me assistir...* (prece, 17, IDE) tem como equivalente *Bons Espíritos que generosamente me assistem...* (prece 17, BB), havendo uma mudança de segunda pessoa do plural (*vós*) para terceira do plural (*vocês*), além de uma organização mais direta, que protagoniza o auxílio e deixa clara a generosidade em assistir a quem clama, justamente pelo acréscimo do advérbio *generosamente*, de modo a valorar ainda mais positivamente o ato de assistir. De modo similar, temos “Meu Deus, *permiti* aos bons Espíritos que me cercam” (prece, 13, IDE), sendo expressada na versão moderna e de fácil leitura como “Meu Deus, *permite* que os bons Espíritos que me acompanham [...]” (prece 13, BB), casos em que os usos verbais passaram de imperativos em segunda pessoa do plural para imperativos em segunda pessoa do singular, favorecendo usos mais contemporâneos, que tendem ao estabelecimento de uma maior proximidade entre sujeitos do discurso, já que não há o cerimonialismo próprio dos usos do *vós*.

O mesmo ocorre em passagens como “*Fazei*, Senhor, que eles” (prece 13, IDE) e “*Faça*, Senhor, com que” (prece 13, BB); também em “(Deus Todo-Poderoso) que *vedes* as nossas *misérias*, *dignai-vos* escutar (...)” (prece 27, IDE) e “(Deus Todo-Poderoso) que *conhece* minhas *fraquezas*, escuta (...)” (prece 27, BB). Ainda nessa prece, há, por parte dos tradutores, escolhas lexicais que põem em tensão sinonímica itens como *ver* vs. *conhecer*, *misérias* vs. *fraquezas*, *murmúrio* vs. *queixas*.

Em outros momentos, o uso da segunda pessoa do plural é substituído por terceira pessoa, tal como em “uma prova da *vossa* misericórdia” (prece 13, IDE) para “uma prova da *Sua* misericórdia”, com o pronome possessivo em letra maiúscula na versão da prece 13 da BB. Essa oscilação pode ocorrer em





razão de, muitas vezes, a segunda pessoa do singular (tu) ser entendida como íntima demais, não digna do devido respeito – às vezes por estar vinculada a usos informais –, movimentos que demonstram que há oscilação entre o uso do *tu* e do *você* em relação à impressão de respeito ou intimidade, com nuance mais ou menos marcada na opção do uso de cada pessoa discursiva – talvez estudos com interface sociolinguística ajudassem a aprofundar essa percepção.

Pode-se objetar que *vós* é ainda encontrado em manifestações religiosas de diversas sortes. Constaria como exemplo a prece do *Pai Nosso*, socialmente usada de modo geral¹⁴ com a segunda pessoa do plural. Entretanto, a recorrência desse pronome no *Pai Nosso* não invalida a constatação de que emerge, a partir das preces espíritas em formato facilitado e também de outras propostas desse tipo, como ocorre com versões da Bíblia, um estilo novo para o gênero do discurso *prece*. Isso porque temos como premissa que podem ter tido seu formato engessado, ou seja, tornaram-se fórmulas, pois já se encontram fundamentadas e sedimentadas em determinadas práticas devocionais, nas quais a criatividade não tem espaço para brotar porque nas preces justamente se recorre à memória. Com as versões de leitura moderna e facilitada, ocorre uma atualização do estilo, sem, no entanto, haver alteração referente à construção composicional do gênero ou ao seu conteúdo temático em si.

Nesse sentido, outra objeção sobre o pronome *vós*, como encontrado na versão IDE, é a de que a transposição para nossa língua tenha sido feita em uma época na qual essa forma ainda era vigente. Os dados, no entanto, não permitem que tal pressuposto se sustente: a primeira edição da IDE consta de 1978, época em que *vós* já não mais era utilizado na linguagem cotidiana e espontânea do falante do português brasileiro. Entendemos que a manutenção do *vós* no texto traduzido para o público brasileiro por Salvador Gentile se deve à escolha de levar a cabo uma versão autorreferenciada como “literal” do texto francófono; já que em francês *vous* tem como referente tu e vós, concomitantemente, o que muda é a relação de formalidade, isto é, a cercania ou distanciamento com o interlocutor.

Dado o caráter sagrado do texto, a utilização de *vós* pode ser considerada pertinente, apesar de esse pronome estar praticamente extinto em nossa língua assim como configurada neste momento sincrônico, exceção feita a alguns gêneros, mais ou menos estanques, como os que circulam na esfera jurídica. Com efeito, Bagno (2012, p. 32) atesta que “Faz mais de trezentos anos que ninguém usa o

¹⁴ Salientamos aqui a fixação desse discurso social com uso do *vós*; porém, entendemos que as tendências de bíblias traduzidas com linguagem de hoje criam espaço para que haja também a construção do *Pai Nosso* com o uso da segunda pessoa do singular, já que as passagens de Mateus 6-9, passagens bíblicas que dão origem à prece em questão, apresentam-se com linguagem moderna. Tal como se pode ver em “Pai nosso, que estás no céu, que todos reconheçam que o teu nome é santo”; e “Pai nosso, que estás nos céus! Santificado seja o teu nome”, disponíveis, respectivamente, em: <https://www.bible.com/pt/bible/211/MAT.6.9-13.NTLH>; e em: <https://bo.net.br/pt/ntlh/mateus/6/9/>. Acesso em: fev. 2022.





índice de pessoa *vós*, ele só aparece em determinados textos – antigos, religiosos, ou humorísticos, por exemplo”.

Assim, a concepção que os tradutores possuem de público leitor, tanto para a edição do IDE quanto da BB, é essencialmente distinta: “As várias formas típicas de tal direcionamento [o endereçamento do enunciado] e as diferentes concepções típicas de destinatários são peculiaridades constitutivas determinantes dos diferentes gêneros do discurso” (BAKHTIN, 2016b, p. 68). Nessa direção, “A escolha de todos os recursos linguísticos é feita [pelo escritor] sob maior ou menor influência do destinatário e da sua resposta antecipada” (BAKHTIN, 2016b, p. 69), bem como em relação à ideia inicial de produção de sentido que o projeto de dizer do discurso edificado tem a intenção de promover, levando à percepção de que:

[...] (as) modalidades e concepções do destinatário são determinadas pelo campo da atividade humana e da vida a que tal enunciado se refere. A quem se destina o enunciado, como o falante (ou o que escreve) percebe e representa para si os seus destinatários, qual é a força e a influência deles no enunciado - disto dependem tanto a composição quanto, particularmente, o estilo do enunciado (BAKHTIN, 2016b, p. 63).

Temos ainda que, ao escrever, levamos em conta

[...] o campo aperceptivo da percepção [de determinado] discurso pelo destinatário, até que ponto ele está a par da situação, dispõe de conhecimentos especiais de um dado campo cultural da comunicação; [leva-se] em conta suas concepções e convicções, os seus preconceitos [...], as suas simpatias e antipatias [...] (BAKHTIN 2016b, p. 63).

Quanto à construção composicional das preces selecionadas¹⁵, e sobre como suas regularidades contribuem para que elas sejam concebidas enquanto um gênero do discurso, temos, na tabela a seguir, à esquerda, movimentos discursivos que reiteradamente nelas aparecem. Nas demais colunas, temos os excertos relativos a esses mesmos movimentos discursivos (de acordo com a edição BB).

¹⁵ Uma vez que os elementos que tecem a trama das preces sob análise relativamente à construção composicional são recorrentes, consideramos mais apropriado elencá-los como figuram em apenas uma das edições *d'O Evangelho*, neste caso, a da Besouro Box.



**Quadro 2:** Movimentos discursivos relativos à construção composicional das preces

Exemplos	Prece 13	Prece 17	Prece 27
Evocação à instância superior	Meu Deus , permite que os bons Espíritos que me acompanham venham em meu auxílio quando estiver em sofrimento e me amparem se eu vacilar.	Em nome de Deus Todo-Poderoso , que os maus espíritos de afastem de mim e que os bons me sirvam de proteção contra eles!	Deus Todo-Poderoso , que conhece minhas fraquezas, escuta favoravelmente o pedido que faço nesse momento.
Súplicas	Faça , Senhor, com que eles [os bons Espíritos] me inspirem a fé, a esperança e a caridade. Que sejam, para mim , um apoio, uma esperança e uma prova de Sua misericórdia.	Bons Espíritos que generosamente me assistem, deem-me a força para resistir à influência dos maus Espíritos e os esclarecimentos necessários para que eu não seja enganado por suas artimanhas.	Perdoa-me se ele [meu pedido] for inconveniente, mas se for justo e útil aos Seus olhos, permite que os bons Espíritos que executam a Sua vontade venham me ajudar para que ele seja realizado .
Reconhecimento das próprias fraquezas, referência à reforma íntima, resignação perante a vontade divina	Faça, enfim, com que eu encontre, nos bons Espíritos, a força que me falta para enfrentar as provas da vida, para resistir às sugestões que o mal oferece, a fé que salva e o amor que consola.	Preservem-me do orgulho e da vaidade, afastem do meu coração o ciúme, o ódio, a maldade e todo o sentimento contrário à caridade, pois eles são sempre portas abertas aos maus Espíritos.	Independente do que venha a me acontecer, que prevaleça sempre a Sua vontade. Se meus pedidos não forem atendidos, é porque preciso ser experimentado e eu me submeto sem queixas. Faça com que eu não desanime; que nem minha fé nem minha resignação sejam abaladas.

Fonte: Edição Besouro Box

Percebemos certa regularidade quanto aos elementos constitutivos da construção composicional, que, via peculiaridades do estilo do gênero em si, constitui o gênero de discurso que identificamos como prece. Como visto, tal gênero é edificado com movimentos discursivos de evocação a uma instância superior, que conectam locutor e interlocutor por meio de expressões de chamamento ou invocação, como os vocativos *Meu Deus*, na prece 13, e *Deus Todo-Poderoso*, na prece 27, ou a expressão de invocação *Em nome de Deus todo Poderoso*, na prece 17. Há também movimentos de súplica com a mobilização de verbos no imperativo, como os negritos na tabela *faça*, *deem-me* e *permite*, demarcando sentidos de pedido e solicitação, próprios de discursos dessa natureza.

Também podemos destacar o uso do subjuntivo para marcar o desejo de que a rogativa tenha efeito, tal como em *que sejam para mim*, prece 13, *que eu não seja enganado*, prece 17 e *venham me ajudar para que ele seja realizado* na prece 27. Além disso, há movimentos discursivos no sentido de reconhecimento



das próprias fraquezas, referência à reforma íntima, resignação perante a vontade divina, marcadamente edificada com verbos no imperativo, de modo a explicitar uma solicitação.

Essas marcas linguísticas se juntam à organização sintática, que ajuda a compor sentidos para os discursos veiculados, tendo sua dimensão ampliada quando pensamos no todo do que significa socialmente realizar uma prece. Assim, os movimentos discursivos destacados são indicadores do gênero em questão porque dão seu acabamento, isto é, marcam determinado discurso como sendo uma prece porque demonstram como se organiza sua construção composicional – não se tratando de uma ordem rígida, mas de elementos constitutivos.

Ainda assim, não somente isso, o que identifica o gênero como sendo uma prece é a prática de linguagem que ele mobiliza: dirigir-se ao divino com um fim específico (rogar, agradecer, pedir), prática essa que possui também formas de acabamento que envolvem a modulação da voz no recitar das palavras; requer certa postura de corpo e de conduta para realizar a prece à instância espiritualmente maior; e motiva que se esteja em um ambiente próprio de intimidade. Toda essa atmosfera é construída na conexão entre construção composicional, estilo e conteúdo temático, já que é o todo desse discurso que solicita determinados movimentos discursivos, que serão motivados por determinados conteúdos temáticos, focalizando este ou aquele assunto, mas dentro do espectro *conectar-se com algo superior*, que seria o conteúdo temático em si de uma prece.

Assim, temos inicialmente, via de regra, como movimentos discursivos que marcam a construção composicional d aprece espírita uma evocação à instância superior, ou seja, aos anjos da guarda, a mentores espirituais, e principalmente a Deus. Como uma das principais finalidades desse gênero é fazer pedidos, temos no que diz respeito ao conteúdo temático, o elemento súplica enquanto um de seus marcadores mais recorrentes. Diante da espiritualidade maior, quem faz a prece se posiciona reconhecendo suas fragilidades, posto que é humano; roga, então, por força e obstinação para que possa melhorar-se moralmente¹⁶. Temos, por fim, a resignação perante a vontade divina, assim, aceitando-se as agruras da vida como forma de aprendizado, meio de aprimoramento espiritual.

Portanto, enquanto construção composicional, existe nas preces o propósito de fornecer fórmulas mais ou menos estruturadas para que os que necessitam de auxílio espiritual possam dirigir-se de modo mais eficiente a espíritos moralmente superiores. Trata-se, portanto, de formas enunciativas que se prestam a amenizar a angústia dos que precisam de consolo. Tudo isso amarrado por um estilo típico,

¹⁶ É desse modo que, na prece 17, há o direcionamento a uma entidade obsessora; entretanto, tal se dá em função do seu objetivo, sua própria razão para existir (conforme seu título: *Para afastar os maus espíritos*, que se constitui em uma indicação de quando e porque a ela recorrer). Portanto, não configura esse direcionamento enquanto um item comum à maior parte das preces encontradas na esfera discursiva espírita.



que demarca uma relação inferior-superior, de alguém que se reporta ao que é maior que si para entoar diferentes efeitos de sentido: súplica, graça, petição.

A partir da descrição e análise dos excertos eleitos para compor nossa amostra, torna-se relevante ventilar noções sobre as condições de produção d'O *Evangelho*, relativamente à edição pelo IDE. Isso porque essas noções podem nos fornecer indícios sobre em qual variante linguística ela foi concebida, e o porquê da necessidade de uma versão mais atual, “moderna e de fácil leitura”.

Temos o entendimento de que o estilo, o conteúdo temático e a construção composicional nascem em razão de determinadas condições de produção discursiva, que são relevantes para sua compreensão; erigem-se, portanto, em função de determinada situação e em relação a certo propósito discursivo, entrelaçado a determinada prática social. Dessa feita, trazemos uma citação de Zandwais (2016, p. 85), que afirma:

É importante, portanto, dar destaque às especificidades que vêm a caracterizar a noção de gênero discursivo na obra de Mikhail Bakhtin, considerando, em primeiro lugar, o fato de que não é a construção composicional, o tema, o estilo ou os traços sintáticos que se reiteram no discurso que vêm a constituir um gênero, já que o gênero discursivo, embora venha a ser caracterizado por determinadas características que se apresentam como estáveis em suas formas de produção e circulação, é antes de tudo gênero por emergir a partir de determinadas condições de produção que são sociológicas.

É nessa mesma linha que vemos Sobral (2009, p. 125) definir os gêneros enquanto um “[...] espaço em que tradição e inovação se relacionam ativa e constantemente”. Tendo em mente que “[...] a mudança de esfera de produção, circulação e recepção implica a mudança de gênero, e conseqüentemente, a mudança de estilo” (BRATT, 2014a, p. 90), passemos, então, a considerar as condições de produção do texto do IDE.

Torna-se essencial levarmos em conta que essa se trata de uma “tradução literal”, na qual buscou-se manter a linguagem em uma variante considerada pelo tradutor como simples. Entretanto, essa era uma linguagem “simples” para leitores franceses que viviam no fim do séc. XIX. Passados mais de 150 anos, é plausível que mesmo na França dos dias de hoje leitores da obra original de Kardec encontrem alguma dificuldade em assimilar seu conteúdo. Dessa forma, a opção de Salvador Gentile por uma tradução “literal”¹⁷ de estruturas sintáticas e lexicais tais como encontradas no escrito francófono resultou em um texto com o qual o leitor brasileiro contemporâneo interage de maneira menos hábil.

¹⁷ Entendemos que, mesmo que se pretenda um rigor tal a ponto de considerar-se uma tradução como literal, essa tentativa resulta inócua, uma vez que todo ato de tradução é atravessado pela subjetividade de seu tradutor. A esse respeito, afirma Bakhtin que “O texto [...] nunca pode ser traduzido até o fim, pois não existe um potencial único dos textos” (2016c, p. 76).





A adaptação das preces espíritas a uma variante mais acessível encontra respaldo na popularização do movimento espírita, o qual procura atrair um público que, por vezes, é formado por uma camada de leitores menos experientes, ou seja, menos proficientes no ato de leitura em si. Assim, aproxima-se seu conteúdo à ideologia do cotidiano, trazendo à baila uma sensação de pertencimento e familiaridade. Temos, então, a palavra vista como um índice de determinação social que, ao deixar de ser privilégio dos entendidos e iniciados e passando a ser de domínio geral, porque é sensível às mudanças sócio-históricas às quais a sociedade é submetida, passa a refletir as escolhas lexicais e gramaticais feitas pelo tradutor da versão com leitura facilitada.

5 CONCLUSÃO

Para Maingueneau (2015, p. 70), “a história de uma sociedade é, em algum sentido, a de seus gêneros do discurso [...]. O estudo da emergência, do desaparecimento ou da marginalização dos gêneros constitui, assim, um observatório privilegiado das mudanças sociais”. O autor ainda sustenta que se pode “[...] caracterizar uma sociedade pelos gêneros do discurso que ela torna possível” (2013, p. 67).

A partir do exposto, portanto, podemos inferir que as preces espíritas em leitura facilitada se constituem em uma atualização do gênero preces no âmbito dessa doutrina, pois seu aparecimento somente pôde se dar em razão da necessidade de um público leitor que não conseguia relacionar-se proficientemente com as preces em suas versões de tradução canônicas.

Com efeito, é possível perceber que o tradutor das preces na edição Besouro Box colore essa versão com tons emotivo-volitivos que propalam uma sensação de maior proximidade e familiaridade entre orante e deidade, porque nela os enunciados são organizados via estruturas linguísticas menos complexas, bem como pela seleção de itens lexicais cotidianos, conforme encontrados em gêneros primários. Assim, revela-se o posicionamento axiológico dessa versão: divulgar a doutrina espírita por meio de uma variante que todos possam compreender, em um estilo capaz de engajar mesmo leitores com menor proficiência em norma culta, ou com pouca vivência e experiência nessa prática religiosa. Isso porque uma linguagem que se volta ao erudito, como ocorre com o texto pelo IDE, pode vetar sua plena apreensão, em razão de seu caráter marcadamente rebuscado, que pode reverberar tons de formalidade e exclusão, já que se torna acessível somente a iniciados, ou a detentores de conhecimentos abrangentes de língua e de mundo.

Afirma Bakhtin (2016b, p. 57) que “todo enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera da comunicação discursiva” e que



Dois enunciados alheios confrontados, que nada sabem um do outro, se querem tocar, ainda que de leve, o mesmo tema (pensamento), entram inevitavelmente em relações dialógicas entre si. Eles se tocam no território do tema comum, do pensamento comum (BAKHTIN, 2016c, p. 88).

Dessa forma, entendendo o caráter dialógico inerente a ambas as traduções, que as liga uma à outra, bem como a seus leitores, temos que o processo por elas estabelecido ocorre de formas essencialmente distintas: enquanto uma pode, por seu próprio estilo, parecer um tanto inacessível, apresentando tons que, por vezes, podem ser interpretados como autoritários, a outra prima por um diálogo que, via de regra, aproxima e agrega. Isso nos leva a dizer que as mudanças de estilo não constroem um novo gênero de discurso, mas edificam uma nova perspectiva à prática de fazer preces, a partir da utilização de estruturas pré-definidas, apresentadas nessa versão “moderna e de fácil leitura”, com linguagem mais atual, levando a que o interlocutor se aproxime do texto lido e ganhe intimidade em suas práticas devocionais.

REFERÊNCIAS

BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2012.

BAKHTIN, M. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária. *In*: BAKHTIN, M. **Questões de literatura e estética: a teoria do romance**. Tradução Aurora Fornoni Bernardini *et al.* 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2014. p. 13-210 [1924].

BAKHTIN, M. Diálogo II. *In*: **Os gêneros do discurso**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: 2016a. p. 125-150 [1952].

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. *In*: BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: 2016b. p. 11-69 [1952-1953].

BAKHTIN, M. O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas: um experimento de análise filosófica *In*: **Os gêneros do discurso**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: 2016c. p. 71-107 [1959-1961].

BODNER, K. Beyond formalism: genre and the analysis of biblical texts. *In*: BOER, R. (Ed.). **Bakhtin and genre theory in biblical studies**. Society of Biblical Lit, 2007. p. 175-186.

BRAIT, B. Estilo. *In*: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo, Contexto, 2014a. p. 79-102.





BRAIT, B. Análise e teoria do discurso. *In*: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2014b. p. 9-31.

BUSS, M. J. Dialogue in and among genres. *In*: BOER, R. (Ed.). **Bakhtin and genre theory in biblical studies**. Society of Biblical Lit, 2007. p. 9-18.

FARACO, C. A. **Linguagem & Diálogo**: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola, 2009.

FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

KARDEC, A. **O Evangelho segundo o Espiritismo** (1864). Tradução Salvador Gentile. 332. ed. São Paulo: IDE, 2006.

KARDEC, A. **O livro dos Espíritos**. (1857). Tradução de Cláudio Damasceno Ferreira Junior. Porto Alegre: Besouro Box, 2017.

KARDEC, A. **O Evangelho segundo o Espiritismo** (1864). Tradução de Cláudio Damasceno Ferreira Junior. Porto Alegre: Besouro Box, 2019.

MAINGUENEAU, D. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Maria Ceclília Souza-e-Silva, Décio Rocha. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

MAINGUENEAU, D. **Discurso e análise do discurso**. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2015.

MONROE, J. W. **Laboratories of faith**: mesmerism, spiritism, and occultism in modern France. Cornell University Press, 2008.

O Livro da Filosofia. Tradução de Douglas Kim. São Paulo: Globo, 2011. p. 335-336.

SOBRAL, A. **Do dialogismo ao gênero**: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2009.

ZANDWAIS, A. As influências dos pressupostos filosóficos do Círculo de Bakhtin para a construção de teorias enunciativas e discursivas. *In*: AQUINO, Z. G. O; GONÇALVES-SEGUNDO, P. R. (org.). **Estudos do discurso**: caminhos e tendências. São Paulo: Paulistana, 2016. p. 79-95.

Artigo recebido em: 13/07/2022

Artigo aprovado em: 30/10/2022

Artigo publicado em: 05/11/2022

COMO CITAR

GONÇALVES, T. M.; GOMES, G. S. Preces espíritas com linguagem facilitada: uma análise a partir dos postulados bakhtinianos. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 11, p. 1-20, e02213, 2022.

